

O presidente José Sarney está otimista ao completar um ano, três meses e 15 dias de poder, justificadamente orgulhoso com o saldo que pode apresentar — o País vivendo a euforia de quem superou a anomalia inflacionária, a economia com a expectativa de crescer entre cinco e seis por cento ao ano, a perspectiva de uma solução definitiva para o grave problema de nossas contas externas.

Sarney mostra-se seguro de que atravessou o pior e que agora pode se preparar, como seus compatriotas, para esperar a colheita de bons resultados. Não esconde o orgulho com que relembra os dias dramáticos de sua posse, a construção de caminhos na escuridão, principalmente depois da morte de Tancredo Neves. “O País se preparava para a festa da posse e recebe a notícia de uma tragédia”, ele lembra.

De lá até hoje, longo caminho foi percorrido até que, em fevereiro, ele teve oportunidade de reformar o ministério e, ao mesmo tempo, adotar o Plano de Estabilização Econômica, impondo o congelamento de preços e salários com a ambiciosa meta de zerar a inflação galopante. A partir daí, ele conferiu personalidade própria ao seu governo, livrando-se da pesada herança do presidente morto.

Sarney está convencido de que o Brasil, que já é um País importante no concerto internacional, deve ascender ao quinto lugar entre as mais poderosas nações do mundo graças à vitalidade de sua economia. A própria dívida externa já não provoca tantos problemas, uma vez que o peso das remessas líquidas anuais foi aliviado com a redução dos seus serviços.

O País chegou remeter mais de 11 bilhões de dólares por ano. Com a redução do spread — taxa de risco — e dos próprios juros, essa sangria desatada reduziu-se para 8 bilhões e 100 milhões de dólares, permitindo uma folga de quase três bilhões de dólares que estão sendo desviados para investimentos em setores básicos da vida nacional.

Quando se objeta que essa indiscutível potencialidade do Brasil é comprometida pela mancha ainda impagável dos dramáticos desníveis sociais, que têm inviabilizado o nosso projeto democrático, o Presidente lembra que recebeu o País com o Governo investindo oito por cento do orçamento na área social, já elevou esses investimentos para 9,6 por cento e está certo de que, se mantivermos aplicações equivalentes a 12 por cento do orçamento na área social, até o fim do século essa questão estará superada, pelo menos nos tons dramáticos com que se apresenta atualmente.

O Governo já distribui um milhão e 500 mil litros diários de leite — e não amplia essa quantidade porque a nossa bacia leiteira não teria condições de atender. A saída será recorrer ao leite em pó importado para preencher as lacunas do suprimento da produção brasileira.

Não o impressiona a acusação de paternalismo, com que alguns costumam brindar esse programa assistencial. E afirma que a Nação mais capitalista do mundo, os Estados Unidos, tem programas de distribuição de alimentos às populações carentes desde o governo de Roosevelt.

Por fim, numa alusão indireta aos que fazem agitação no campo, Sarney adverte:

— Comete um erro crasso quem deseja levar o Brasil para o radicalismo. O País se recusará a isto, sempre e sempre.